

## Imprimindo o gesto: a arte entre seus vestígios

*Eu confesso ainda uma vez que o trabalho me interessa  
infinitamente mais que o produto do trabalho.*

Paul Valéry

Entre a quase perfeita geometria de redes coloridas repetem-se vestígios de tantas marcas, delimitados em módulos sobre as frágeis superfícies de papel japonês. Aparecem também sobre pequenos blocos de gesso situados na horizontalidade do solo; convidam a alternar cada peça e a sempre reconfigurar o conjunto da proposta. A produção de Maria Lucia Cattani não diz respeito à tradicional contemplação estática e cultural, ao contrário, é centrada na ação, tanto em seu processo de instauração, como no de sua recepção pelo público. Ela nos convoca, uma vez proposta como arte, a refletir sobre as diversas maneiras de concebê-la: sobre seus limites, a arqueologia das suas fontes, sobre as relações entre a matriz e a cópia, os meticulosos indícios do gesto de gravar, as muitas fantasias da técnica e do fazer.

Todas as interfaces do processo de trabalho da artista constituem-se nas matrizes que se tornam moldes cheios de cor a serem impressos repetidamente nas superfícies: como chamas que acendem e apagam, esses módulos cromáticos desenharam no suporte plano, ou de sólidos quadrangulares, diversas zonas de sombra e de luz, em nuances que se alternam sucessivamente pela saturação dos pigmentos. Ela constrói escalas tonais, de uma cor a outra (do azul ao verde, até ao quase branco); em outra superfície, inverte. É um movimento continuado de vice-versa, pois não é apenas em um objeto artístico que a proposta se conclui — em objeto diferente, o que era azul passa a ser verde, o magenta passa a amarelo, o branco a ocre, num intercâmbio sem fim. O

mesmo dá-se em relação aos vestígios do gesto da artista: num semelhante processo de inversão, as marcas sulcadas na matriz constituem, de um lado, desenhos brancos e, de outro, coloridos em cada espaço de cor. Nesse intercalar constante, de verso e reverso de sulcos e tons, encontra-se toda a sua busca. A repetição quase matemática do espaço se contrapõe ao movimento quase espontâneo do ato manual de gravar. Coexistem o gesto impulsivo e a incisão programada, o positivo e o negativo, o modelo e a reprodução, o fragmento e o todo, o processo e o resultado final.

Em meio a esses contrapontos, a produção artística de Maria Lucia Cattani expõe muitos dos aspectos essenciais da arte. De início, e ainda à superfície, vemos a artista operar a ultrapassagem de algumas antigas características das técnicas de reprodução e de algumas atuais da arte. Nestas, a mão é liberada, pelo instrumento, de ações mais diretas, da participação no fazer; assim, a obra deixa de trazer as marcas individualizadas da atividade do artista; ela remete, em primeiro plano, à idéia geradora e a seu produto final. Mas, Maria Lucia não prescinde de sua mão em seu trabalho. Ela a emprega em seus traços, transformados em rápidos vestígios de gestos, em grafismos de diferentes naturezas; são gestos não diretos, mas com intervenções, com a mediação da técnica ágil dos carimbos para a gravura. São marcas de um fazer manual, direto e pessoal que transparecem através dos produtos mediatizados. O resultado provoca efeitos estéticos específicos, que variam conforme a recepção do espectador; podem se refletir em idéias e sensações de fluxo e refluxo de imagens, de cadência pela disposição repetitiva de modelos, leveza ou densidade através da seleção das cores, sugestão de passagens, entre tantos outros. No entanto, esses estímulos de caráter estético são imponderáveis no campo da arte. Eles se configuram *como arte* quando expõem um modo de funcionamento

simbólico; importam ao fazerem referência a algo — aqui, às circunstâncias relativas à origem do trabalho, ao papel da inventividade técnica na atuação artística, ao processo mesmo de produção; importam quando indicam assim um modo de existência no campo social. A artista, distanciada da realidade, por não a figurar, aproxima-se dela por meio da intervenção técnica, a qual envolve soberanamente seu próprio corpo, no gesto repetitivo que se cristaliza nas matrizes mescladas de grafismos e imaginário. Sua ação artística, nascida em meio ao processo técnico do trabalho, adquire uma função que vai além do próprio resultado final, que se mostra sempre inacabado, pois permanentemente repetido, portanto sempre atual. A artista não faz reproduções iguais. Cada matriz gera uma série de obras, todas originais; por outro lado, cada obra contém a gestação de outra, num encadear-se contínuo. Cada matriz cria uma obra múltipla que se faz única no gestar infindo. Neste contexto, somos levados a interrogar sobre onde estariam os limites de sua arte: ela se perfaz em cada módulo ou em cada suporte? Ou seu ser inacabado é, por isso mesmo, ilimitado? Fazer técnico-estético-artístico, o trabalho de Maria Lucia faz também, deste modo, enquanto simbólico, propostas de inquirição sobre os significados da arte e de seu lugar no mundo; esta é sua postura essencial enquanto sujeito político: promotora de experiências e de indagações.

Segundo Tàpies, o artista tem em suas mãos o poder de transformar a idéia da realidade. Maria Lucia Cattani a transforma, ao modificar a idéia de gravura; ao transformar as relações entre técnica e arte, entre processo e produto acabado. Transforma, ao descortinar as infinitas possibilidades inventivas de uma repetição quase obsessiva de quadros cromáticos. Transforma, ao produzir uma arte que não esgota leituras, pois sempre propõe outras novas. Transforma, na recusa do óbvio, sugerindo antes que afirmando. É, antes de tudo, uma obra que, sempre

que próxima a nós, faz calarem as questões para dar lugar à sua própria voz e encontra sua verdadeira qualidade precisamente nos múltiplos horizontes que se desenham com ela.

Mônica Zielinsky

Janeiro de 2000